

## ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: ABORDAGENS PARA A MOTIVAÇÃO E AUTONOMIA

Thaynã Emanoela Guedes Carneiro<sup>1</sup>  
José Paulo Alexandre de Barros Júnior<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

A autonomia é algo essencial para o ensino de língua estrangeira, visto que enquanto autônomo, o aluno torna-se protagonista da própria aprendizagem, pelo processo de tomada de consciência. Entretanto, atenta-se para o fato de que o processo de autonomia não é um processo de auto-instrução e a figura do professor deve ser inerente nesse processo de mediação entre essa atitude de relação com a aprendizagem (DANTAS, 2008).

Dessa forma o/a docente que é responsável por estimular essa atitude de maneira contínua, já que autonomia pode variar em nuances de acordo com a situação. Portanto, trata-se de um processo compartilhado e democrático, no qual alunos e professores constroem juntos o processo de ensino-aprendizagem, tornando-o eficaz.

Entretanto, como buscar essa autonomia? Quais são as implicações desse processo no ensino de língua estrangeira? É por meio desses questionamentos, que direcionarão a presente investigação, que buscamos aqui compreender como a autonomia pode ressignificar os papéis tradicionalmente atribuídos ao estudante de língua estrangeira, a partir do repensar de novas representações, atitudes, competências e atribuições na sala de aula. Dessa forma, buscamos especificamente compreender: 1) o que é autonomia; 2) Os estudos históricos acerca da motivação e 3) A relação da motivação e da autonomia com a teoria dos gêneros textuais do ensino da língua estrangeira.

### METODOLOGIA

Metodologicamente, a pesquisa está enquadrada como bibliográfica, de abordagem qualitativa. A escolha desse percurso metodológico ocorreu com o intuito de compreender o que a literatura na área do ensino de línguas aponta como pressuposto para um efetivo

---

<sup>1</sup> Pós Graduada em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, inglesa e literatura pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, [thayguedesc@gmail.com](mailto:thayguedesc@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestrando em Letras pela Universidade Federal da Paraíba, [josepauloj08@gmail.com](mailto:josepauloj08@gmail.com);

processo de ensino-aprendizagem, a partir de uma prática democrática, inclusiva, que considere os educandos como construtores e protagonistas do próprio conhecimento. Dessa forma, busca-se por meio da abordagem dessa pesquisa mergulhar nos sentidos e emoções, reconhecer atores sociais como sujeitos capazes de produzir conhecimentos e práticas (CHIZOTTI, 1991), bem como examinar valores, crenças, hábitos, atitudes, representações e processos específicos a indivíduos e grupos (PAULILO, 1999).

## O CONCEITO DE AUTONOMIA

A autonomia pode ser compreendida como uma habilidade a ser desenvolvida de acordo com uma visão sociopolítica, formativa do sujeito que vive em sociedade e de acordo com uma visão cognitiva, que compreende seus efeitos no desenvolvimento do intelecto e do conhecimento.

A partir da visão sociopolítica de Freire (2000), a autonomia é um pressuposto necessário para a emancipação do homem enquanto sujeito social :

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros. Precisamente porque éticos podemos desrespeitar a rigorosidade da ética e resvalar para a sua negação, por isso é imprescindível deixar claro que a possibilidade do desvio ético não pode receber outra designação senão a de transgressão. É nesse sentido que o professor autoritário, que por isso afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto. Saber que devo respeito à autonomia e à identidade do educando exige de mim uma prática em tudo coerente com este saber. (Freire, 2000, p.66-67).

Para o autor, portanto, uma prática educativa em consonância com a prática de liberdade deve estar associada ao respeito à individualidade e aos saberes culturais trazidos pelo aluno até a escola. Todavia, tratando-se da ascensão do autoritarismo no contexto educacional no país, o elo entre prática pedagógica e autonomia está muito contido apenas no campo epistemológico, e distanciando-se cada vez mais da prática. Somado a isso, ainda há interpretações equivocadas sobre o seu conceito e representatividades reacionárias utilizam-se desse equívoco para obstruir o livre-pensamento e a formação de sujeitos críticos.

Voltando o olhar para os aspectos cognitivo, Piaget (1994, p. 60) considera que num processo pedagógico autônomo, a “regra do jogo se apresenta à criança não mais como uma lei exterior, sagrada, enquanto imposta pelos adultos, mas como resultado de uma livre decisão, e como digna de respeito na medida em que é mutuamente”. Nesse sentido, o autor

considera a autonomia como uma habilidade necessária para o despertar crítico, no qual o indivíduo torna-se capaz de decidir e tomar decisões com base no seu código de ética moral, construído pela vivência e pela sua maturidade intelectual.

Portanto, é importante compreender que a aplicação da autonomia numa sala de aula, especialmente no contexto do ensino de línguas, requer uma preparação pedagógica que deve iniciar-se na formação do próprio professor autônomo. O processo também envolve circunstâncias que demandam do aluno tomadas de decisões importantes, para que o processo de ensino-aprendizado cumpra suas devidas finalidades.

### **DISCUTINDO A AUTONOMIA NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Conforme Dants (2008), o processo de autonomia e o caminho para a autonomização, envolve circunstâncias que demandam do aluno atitudes como: 1) Saber tomar decisões – como um processo facilitador da aprendizagem, o aluno precisa ter autoconhecimento e criar suas próprias estratégias para uma aprendizagem significativa. A criatividade é essencial nesse processo de aprender a aprender (FREIRE, 2006 *apud* DANTAS, 2008, p. 23); 2) Controle sobre a própria aprendizagem – processo no qual o sujeito define suas próprias metas e objetivos, toma controle de sua próprios processos cognitivos e dos conteúdos da aprendizagem. 3) Negociação: atitude necessária em todo o processo de autonomia e sua ausência é responsável pelo insucesso de todo o processo. É aqui que através das metas e estratégias definidas pelo/a discente, ele participa juntamente com o/a professor/a da escolha dos conteúdos e do próprio processo avaliativo; 4) Treinamento – se refere a uma atitude reflexiva para o amadurecimento das próprias ações e alcançar os objetivos. É possibilitado a oportunidade se autodiagnosticar e compreender o que é eficiente para a aprendizagem; 5) Autoconfiança e motivação – para o sucesso escolar, é necessário vontade própria de aprender e ter consciência da responsabilidade pela própria aprendizagem. Trata-se de um processo gradativo e contínuo, que demanda colaboração, não somente do/a professor/a, como também de toda a turma.

Dessa maneira, o caráter autônomo do aluno pressupõe as diversas competências que este sujeito possui como a disciplina, flexibilidade, autoconsciência, responsabilidade, coragem e independência. De acordo com Raya *et al* (2007), existem atitudes importantes para o estímulo da autonomia como ser ativo no processo de aprendizagem, sempre estar a procura de oportunidades, ter iniciativa, assumir responsabilidades, correr riscos, ser

cooperativo, ter curiosidade e confiança. Nesse processo de autonomia, são citadas dificuldades como a desorientação e o sentimento de ineficiência por parte dos/as alunos/as durante a conscientização. Entretanto, se o professor der continuidade e insistir em tais propósitos, as dificuldades vão sendo moldadas às experiências e resultados positivos que vão surgindo. Portanto, o processo de autonomização demanda fases e um esforço coletivo para atingir propósitos educativos do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Exige do discente, conscientização de todo esse processo, mudança de atitude para abandonar hábitos ineficientes e transferência de responsabilidades para mais liberdade e descentralização de hierarquias nesse contexto.

Assim como o aluno, é necessário que o docente tome consciência de seu papel enquanto fomentador da autonomia num processo de ensino democrático e sem hierarquizações ou relações de poder que atrapalhem a aprendizagem. Tal consciência inicia-se quando o professor se auto avalia, se autoquestiona e observa o que muda nas suas atitudes pedagógicas.

No tocante à avaliação, a utilização da auto-avaliação pode ser analisada da perspectiva da inovação, pois representa uma possibilidade de variar os mecanismos de avaliação, deslocando o eixo tradicionalmente centrado no professor em direção ao aluno, que passa a exercer um papel mais ativo no seu processo formativo. (OLIVEIRA, 2009, p. 10)

Nesse sentido, o professor precisa confiar e dar voz aos alunos, compreendendo a sala de aula como espaço de negociação, aceitando sugestões, questionamentos e mudando seu caráter autoritário. É necessário deixar o aluno livre para expor suas necessidades, dificuldades e anseios na aprendizagem, acreditando no potencial de cada um. Além disso, é importante que o professor entenda que toda essa autonomia deve ser gerenciada, mantendo assim atenção máxima ao planejamento das suas ações e aperfeiçoamento das suas próprias epistemologias.

Frente ao que foi colocado, é importante compreender que a autonomia é um caminho para a motivação, visto que essa se refere ao “estado de alerta cognitivo e emocional” que incentiva a tomada de ações e garantem o sucesso objetivos traçados (DANTAS, 2008, p. 35). Cada aluno, portanto, possui um nível diferente de motivação, que por sua vez, relaciona-se com o valor atribuído a aquilo que se almeja. Assim, a motivação pode ser extrínseca, relacionada a fatores externos e intrínseca, quando parte do subconsciente a partir do prazer de aprender. Portanto, é necessário o equilíbrio de tais tipos de motivações, já que motivação pessoal não está presente o tempo todo em cada indivíduo. É necessário também que cada sujeito dê alguma funcionalidade ao que aprende, e aprenda com algum objetivo ou motivação externa;

Voltando-se especificamente para esse aspecto, teoricamente a motivação é estabelecida em três períodos cognitivos conforme Dörnyei (2001): O período sócio psicológico (1959-1990) – as orientações etnocêntricas, concepções ideológicas e sociais de cada indivíduo interferem na aprendizagem da língua alvo; Período cognitivo (anos 1990) – abandonava a concepção comportamental da aprendizagem e entendia-se que os processos cognitivos e as expectativas interferem na aprendizagem por meio de fatores internos e externos; Período orientado para o processo (anos 2000) – período em que passou-se a compreender as influências motivacionais “dentro de uma sequência de ações” (Dörnyei, 2021, p. 41).

É justamente a partir das concepções do período orientado para o processo que teóricos orientam professores a orientar a sua prática pedagógica, tendo em vista a complexidade desse período em melhor compreender as influências motivacionais. Nessa concepção, a motivação depende de duas dimensões: 1) A primeira dimensão que simboliza os processos comportamentais, do desejo, dos objetivos, intenções e ações que propõem o alcance dos objetivos e por fim a avaliação final; 2) A segunda dimensão que se refere as influências motivacionais internas e externas presentes no processo motivacional.

Tendo em vista tais aspectos, observa-se que um aluno motivado é um aluno bem sucedido, que não desiste diante das dificuldades, pois acredita nas suas potencialidades de aprendizagem. Observa-se também que a importância da motivação é percebida principalmente no momento da sua ausência, quando o aluno não possui estímulo e sua frequência está aliada apenas aos resultados e notas escolares. Assim, indica-se atitudes e reivindicações do aluno e do professor motivador nesse processo.

Contudo, mesmo motivados, os alunos possuem reivindicações: gostam de receber atenção e ver suas necessidades resolvidas, gostam de professores humanizados e que se importem com eles/as, gostam de ser desafiados/as e querem professores/as atentos/as. Em suma, é importante que o/a docente mostre atenção individualizada e incentive tais talentos, além de dar retorno crítico acerca do que é necessário melhorar. Como consequência, compreenderão que a língua estrangeira não é um bicho de setes cabeças ou algo muito chato a ser estudado, e sim uma ferramenta para ampliação cultural dos horizontes com o mundo e com a sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Cabe a professor motivador também estar motivado. Considerando a realidade dos profissionais de educação no país, muitos são os fatores que podem comprometer essa motivação e desestimular o trabalho docente. Aliado a isso, a desatualização também pode ser um dos fatores que agrava a motivação, carecendo portanto, processos de formação continuada para impulsionar bons resultados no contexto da sala de aula.

Nesse aspecto, é de suma importância que o professor conheça bem seus alunos e, aliado a isso, os comportamentos e o nível de compromisso do docente também constituem fatores importantes para a motivação. Ao falar de comportamentos, enfoca-se na relação professor - aluno, e também fica claro que críticas ou elogios negativos ou positivos influenciam na autoestima e, por conseguinte na motivação.

Em suma, a autonomia e a motivação são elementos chave para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, principalmente o de língua estrangeira, que demanda protagonismo e responsabilidade de alunos e professores. Compreender tais aspectos é essencial tanto para docentes que ainda estão em formação, quanto para professores que precisam ressignificar suas posturas e visões acerca das metodologias empregadas no ensino de língua estrangeira.

**Palavras-chave:** Motivação; Autonomia; Prática pedagógica; Ensino de língua estrangeira.

## REFERÊNCIAS

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

DANTAS, Larissa. **Gêneros textuais acadêmicos e ensino da língua inglesa: um caminho para a motivação e a autonomia**. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, 2008.

DÖRNYEI, Z. **Motivational Strategies in the Language Classroom**. Cambridge: Cambridge, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. 165 p.

OLIVEIRA, Gildete dos Santos. **A auto-avaliação como inovação educacional**. Brasília: Universidade Cândido Mendes, 2009.

PAULILO, Maria Ângela Silveira. **A pesquisa qualitativa e a história de vida**. Revista Serviço Social em Revista, Vol. 2, nº 1, jul-dez 1999, Londrina.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

RAYA, M.J.; LAMB, T.; VIEIRA, F. **Pedagogia para a Autonomia na Educação em Línguas na Europa**. Para um Quadro de Referência do Desenvolvimento do Aluno e do Professor. Dublin: Authentik, 2007.